

# METAMORFOSES NO ENVELHECIMENTO: O DESABROCHAR DE OUTROS MODOS DE SER/ESTAR VELHO

---

*Metamorphoses in Aging: The Blossoming of Other Ways of Being/Feeling Old*

DOI: 10.14393/LL63-v41-2025-6

Carla Nunes Vieira Tavares\*

Stella Ferreira Menezes\*\*

Gustavo Henrique Borges de Souza \*\*\*

---

**RESUMO:** Este estudo é fruto das experiências advindas do projeto de extensão “Desabroche: a arte de (re)significar experiências”, um espaço de palavra presencial destinado a idosos com mais de 65 anos. Norteados pela indagação sobre os modos como o Desabroche... incide na constituição subjetiva dos participantes, este artigo tem como objetivo discutir os efeitos de uma experiência estética e das conversações na constituição subjetiva de Marta, uma das participantes. Para tanto, a pesquisa baseia-se nas considerações de Lacan (1945/1998) sobre os tempos lógicos da constituição subjetiva – o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir –, tomados-os como referência para realizar uma Análise Psicanalítica de Discurso (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016). Concluiu-se que, ao engajar-se nesse espaço, Marta possa ter se desencontrado com possibilidades de ser e estar no mundo, abrindo brechas para novas identificações e novos saberes sobre si, de si e sobre o que é envelhecer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Envelhecimento. Constituição Subjetiva. Experiência Estética. Conversação. Psicanálise.

**ABSTRACT:** This article is the result of experiences derived from an extension project called “Desabroche: a arte de (re)significar experiências”, a face-to-face space for dialogue designed for individuals over 65 years old. Guided by the inquiry into how Desabroche... influences the subjective constitution of its participants, this article aims to discuss the effects of an aesthetic experience and conversations on the subjective constitution of Marta, one of the participants. To this end, the research is based on Lacan's (1945/1998) considerations on the logical times of subjective constitution – the instant of seeing, the time for understanding, and the moment of concluding – using them as a reference to conduct a Psychoanalytic Discourse Analysis (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016). The study concludes that, through her engagement in this space, Marta may have disengaged herself with possibilities of being and existing in the world, opening breaches for new identifications and new knowledge about herself, from herself, and about what it means to grow old.

**KEYWORDS:** Aging. Subjective Constitution. Aesthetic Experience. Conversation. Psychoanalysis.

---

---

\* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e em Ciências da Linguagem pela Université de Franche-Comté, FR. Professora Associada do Instituto de Letras e Linguística, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: 0000-0002-5156-0150 E-mail: carlatav(AT)ufu.br

\*\* Doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Professora no Ensino Fundamental e Médio na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP). ORCID: 0009-0007-7427-0088. E-mail: stella.menezes76(AT)gmail.com

\*\*\* Graduando no curso de Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), voluntário no Projeto de Extensão “Desabroche: a arte de (re)significar experiências” (UFU). ORCID: 0009-0009-7673-7408. E-mail: gustavobs833(AT)gmail.com

## Introdução

Este artigo deriva de um projeto de pesquisa intitulado “Mo(vi)mentos identitários no/do envelhecimento”, que teve como campo de pesquisa o projeto de extensão “Desabroche: a arte de (re)significar experiências” (doravante, Desabroche...).

O Desabroche... propõe um espaço de palavra presencial para idosos acima de 65 anos, no qual produções artístico-culturais são disparadoras da circulação da palavra sobre temas como a vida, o envelhecer ou qualquer outro tema de interesse dos participantes. Ali, são recorrentes discursividades consolidadas no imaginário sobre a velhice, na relação que guardam com as ancoragens identitárias dos participantes. A arte funciona como um canal de discussão, pois enseja a suspensão dessas ancoragens por meio de uma experiência estética.

Os encontros seguem os pressupostos da conversação de base psicanalítica (Miller, 2003; Laurent, 2004). Trata-se de um dispositivo para grupos, no qual a transferência entre os participantes e aqueles posicionados como mediadores instaura uma associação livre coletiva, que, por sua vez, recebe a escuta acolhedora do mediador. Quando a discursivização em torno da produção artística parece gerar alguma síntese, os participantes são convidados a produzir uma narrativa sobre/de si, que, normalmente, se materializa em um texto escrito, em qualquer gênero. Chamamos essa produção de “fruto”. Caso queiram, os participantes podem produzir os frutos em outras formas e compartilhá-los durante os encontros.

As preposições “sobre” e “de”, separadas pela barra para referir-se às narrativas, justificam-se, pois a narrativização permite a comutação de duas construções. Na narração, uma imagem consistente de si desvela-se na descrição de modos de se perceber e de ser percebido, produzindo certo saber sobre si. Aproximamos esse saber do que Lacan (1953/1998) chamou de fixação imaginária, caracterizada pela força de uma certeza aprisionante a modos de ser/estar no mundo, resultante das identificações e de suas amarras, que definem a ideia de eu e fantasia. Contudo, na transferência, a experiência estética e a conversação podem esburacar essa consistência, flagrar algo do inconsciente e seu não-saber – índice da verdade pontual do sujeito – e permitir a ressignificação de algumas identificações.

Norteadas pela indagação sobre os modos como o Desabroche... incide na constituição subjetiva dos participantes do projeto, nosso objetivo é discutir os efeitos de uma experiência estética e das conversações na constituição subjetiva de Marta, uma das participantes. Uma

vez que esses efeitos ocorrem no um-a-um, na singularidade da experiência subjetiva, optamos por enfocar apenas uma participante. Entretanto, nossos gestos de interpretação sobre o percurso subjetivo de Marta lançam luz tanto sobre a universalidade do envelhecimento quanto sobre a particularidade de sua experiência e sua ressignificação.

Assim, apresentamos uma breve fundamentação teórica e metodológica, que sustenta a abordagem psicanalítica da pesquisa, seguida pelo perfil de Marta, participante do estudo, e pela constituição do corpus analisado. Por fim, discutimos os resultados da análise, que tiveram como objetivo compreender o percurso de Marta em uma possível ressignificação de sua fixação imaginária sobre a velhice e o envelhecimento. Para tanto, baseamo-nos nas considerações de Lacan (1945/1998) sobre os tempos lógicos na constituição subjetiva – o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir –, tendo-os como referência para empreender uma Análise Psicanalítica de Discurso (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016).

## **1 Constituição subjetiva, experiência e tempos lógicos**

A ideia de Eu, na psicanálise, é estruturante da configuração psíquica do sujeito, juntamente com a fantasia. Resultante das identificações instauradas ao longo da vida, a ideia de Eu constitui-se na relação com os outros, sendo a alteridade um elemento fundamental. Assim, formas de assertividade ou autoafirmação do Eu dependem dos modos como o sujeito se percebe e é percebido. Apesar de sua dinamicidade em função das possibilidades identificatórias que podem ser reconfiguradas, o Eu é a instância imaginária que concede ao sujeito a ilusão de unidade e homogeneidade, juntamente com a fantasia. Esta, por sua vez, opera no sujeito como um roteiro, uma ficção estruturante [de si] construída como forma de lidar com o enigma subjetivo e organizar psiquicamente o desejo. A fantasia atua como anteparo ao Real, garantindo certa estabilidade ao sujeito, mesmo diante de acontecimentos desestabilizadores. Trata-se, portanto, de um processo inconsciente que o sujeito cria, conta e reconta, dando vida a uma realidade psíquica. Para Nasio (2007, p. 11), a fantasia é uma cena dramática que opera como uma defesa do Eu para refrear o desejo, “um compromisso entre um Eu temeroso e um desejo que permanecerá irremediavelmente insaciado” (p. 11). A ideia

de Eu e a fantasia fornecem um semblante de totalidade e homogeneidade que mascara a divisão do sujeito pela linguagem e sua cisão pelo inconsciente.

Essa sucinta abordagem é relevante para nossas considerações, pois explica como o sujeito se engancha e se forja na relação alteritária, tendo o campo da linguagem como fundante de sua constituição. Desse campo, destacamos, a partir de Miller (2016), que os discursos funcionam como "bússolas", orientando o modo de pensar, gozar e se reproduzir; ditam sistemas de valores, visões de mundo e, adicionamos, o modo de ser velho e envelhecer. Cada um se identifica a essas bússolas a seu modo, como no caso de Marta.

Beauvoir (2018) destaca que a velhice é significada na imbricação entre o social, que estabelece um imaginário coletivo sobre o que significa envelhecer e ser idoso, e o individual, ou seja, como cada um é subjetivado por esse imaginário. Cada época, com sua cultura, atribui à velhice diferentes significados, delineando identidades de idoso. No entanto, o sujeito é subjetivado por esses discursos e sentidos a partir da particularidade de sua história e singularidade. O envelhecimento, assim, é um processo em grande parte percebido pelo olhar do Outro, pelas imagens e discursividades que o cercam. Não é à toa que a velhice impõe, para a maioria, uma reconfiguração da ideia de Eu, afetando significativamente a constituição subjetiva.

Muitas das falas no Desabroche... evidenciam uma fixação imaginária dos participantes a essas discursividades, o que pode gerar uma certeza aprisionante (Lacan, 1953/1998). Apostamos na suspensão de algumas das certezas de Marta como efeito das conversações e da possível experiência estética desencadeada nos encontros.

Para abordar a experiência estética, recorremos à proposta de Larrosa (2011; 2022), que concebe a experiência como “*isso* que me passa”<sup>1</sup> (Larrosa, 2011, p. 5). Para o autor, ela pertence à ordem do singular, do incompreensível, do não-dizer, do “não sei o que dizer”: “A experiência exige outra linguagem transpassada de paixão, capaz de enunciar singularmente o singular, de incorporar a incerteza” (p. 69). A fim de criar espaço para que a experiência se fizesse presente no YYY, apostamos na linguagem que mais se aproxima da proposta de Larrosa (2022): a da arte. Apostamos que o contato dos participantes com a arte enseje uma experiência estética para além da simples contemplação, com o potencial de convidá-los a

---

<sup>1</sup> Lembrando que a figuração em itálico remete ao *Id* freudiano, ou seja, ao inconsciente.

reelaborar algo de suas identificações, como resultado do efeito de anteparo do belo no (des)encontro com o sinistro, conforme Lacan (1959-1960/1997, p. 265) propõe:

A verdadeira barreira que detém o sujeito diante do campo inominável do desejo radical uma vez que é o campo da destruição absoluta, da destruição para além da putrefação, é o fenômeno estético propriamente dito, uma vez que é identificável com a experiência do belo – o belo em seu brilho resplandecente, esse belo do qual disseram que é o esplendor da verdade. É evidentemente por o verdadeiro não ser muito bonito de se ver, que o belo é senão seu esplendor, pelo menos sua cobertura (Lacan, 1959-1960/1997, p. 265).

A arte, portanto, seria uma forma de lidar com o inominável do desejo, com a falta do objeto, com o inquietante do duplo belo/sinistro, familiar/infamiliar<sup>2</sup> (Freud, 1919/2019), pois, como afirma Lacan, “de certa maneira, numa obra de arte trata-se sempre de cingir *das Ding*”<sup>3</sup> (Lacan, 1959-60/1997, p. 175).

No que tange à possibilidade de compartilhar a experiência através da arte, coadunamos com a definição apresentada por Goldstein (2020, s/p):

A arte é memória, é memória incorporada na obra de maneira paradoxal. A arte convoca a memória que, em muitos casos, é objeto da própria arte. Pensar essa questão, que articula as naturezas da arte e da memória, implica uma dupla leitura. Por um lado, sabemos que a arte está intimamente ligada ao ‘belo’ enquanto herança clássica e como condição de objeto da arte. Mas, à categoria do belo e do maravilhoso impõe-se, às vezes imperceptivelmente, a outra face da mesma moeda, o escuro, o horrível e o sinistro. A reflexão sobre a arte e memória, hoje em dia, torna inevitável considerar essa duplicidade da condição do belo e do sinistro, do traumático e do inefável, ou seja, da memória do impensável da condição humana.

Esse encontro com o outro lado da moeda, com o isso, que a psicanálise aponta como sendo da ordem do real e do inconsciente, possibilita uma (re)elaboração da experiência do sujeito e assinala uma possível (res)significação, materializando-se em uma asserção subjetiva (Lacan, 1945/1998). Ou seja, a experiência estética pode “funcionar como uma abertura para outra maneira de pensar, uma nova perspectiva sobre si mesmo e sobre a estranheza do mundo” (p. 26). Propomos investigar como isso se evidencia no caso de Marta, por meio das

---

<sup>2</sup> Referimo-nos ao Unheimlich, analisado por Freud, para abordar a percepção de algo reconhecido como íntimo e familiar, mas que, simultaneamente, é percebido como estranho, inquietante, oculto, esquecido e desconhecido.

<sup>3</sup> A Coisa freudiana (*das Ding*), neste seminário de Lacan, aproxima-se do que ele elaborava como objeto a, ou objeto da falta.

considerações lacanianas sobre os tempos lógicos necessários para que o sujeito formule uma asserção subjetiva.

Lacan (1945/1998) elaborou sobre os tempos lógicos no texto "O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada". Por meio da proposição de um sofisma, em que três prisioneiros precisam decifrar um enigma para obter a liberdade, Lacan ilustra a formulação de uma asserção antecipada subjetiva em um processo analítico<sup>4</sup>. A suspensão ocorre por meio de um processo gradual, no qual o tempo funciona como organizador da experiência subjetiva, contribuindo para que as cadeias significantes que compõem as identificações do sujeito sejam desveladas, permitindo-lhe reposicionar-se em relação a elas.

A asserção subjetiva pode ser o resultado das elaborações do sujeito em três tempos lógicos: o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir.

O instante de ver é marcado por um imediatismo e refere-se ao valor instantâneo de uma evidência imediata. Preso a uma fixação imaginária, o sujeito tem muitas certezas sobre si e o outro (Lacan, 1945/1998). O encontro com o não sentido, da ordem do Real, desestabiliza essas certezas, ensejando um furo na consistência identificatória e abrindo espaço para o tempo de compreender. No Desabroche..., isso pode ocorrer por meio de intervenções de quem ocupa o lugar de sujeito suposto saber, sustentadas pela ética da psicanálise e pela transferência – neste caso, o mediador.<sup>5</sup> A arte e a circulação da palavra atuam como catalisadoras de eventos disruptivos na fixação imaginária, oportunizando o instante de ver e promovendo uma suspensão de certezas.

Ao contrário do tempo anterior, o tempo de compreender parte de uma dúvida cuja resolução requer a consideração do que o outro vê. No sofisma lacaniano, o sujeito deve perceber como os outros o veem e suas reações, pois a resposta ao enigma está em um ponto

---

<sup>4</sup> Sem nos aprofundarmos no sofisma, sintetizamos a situação da seguinte forma: o diretor de um presídio convoca três prisioneiros e anuncia que libertará um deles. Para isso, propõe um enigma: há cinco discos, três brancos e dois pretos. Sem que os prisioneiros vejam, o diretor prende um disco nas costas de cada um. Assim, cada prisioneiro pode enxergar os discos dos outros dois, mas não o seu próprio. Eles também não podem se comunicar entre si. A regra é simples: quem deduzir corretamente a cor do disco em suas costas será libertado.

<sup>5</sup> A transferência, tal como concebida por Freud (1912/2020), é um fenômeno universal que se dá na relação intersubjetiva, na qual o sujeito supõe um saber sobre seu enigma subjetivo em outro sujeito, que ocupa a posição de semblante de saber. Nessa relação, há uma repetição de demandas, afetos e identificações, constitutivos da experiência de amor do sujeito até então e que configuraram suas modalidades de neurose. Por meio do manejo da transferência, é possível ressignificar alguns aspectos da experiência subjetiva (Larrosa, 2022).

cego, acessível apenas pela compreensão das dinâmicas ao seu redor. A hesitação dos outros permite ao preso antecipar uma certeza sobre si. Portanto, a operação da dúvida só pode se constituir como tal na medida em que pressupõe uma certeza.

No tempo de compreender, “se supõe a duração de um tempo de meditação” (Lacan, 1945/1998, p. 205). É o tempo das hipóteses, da reflexão e da decantação, permitindo a elaboração das incertezas. Diferentemente do sofisma, em um processo analítico, o tempo de compreender pode coincidir com o instante de ver, conforme afirma Lacan (1945/1998, p. 206): “mas esse olhar, em seu instante, pode incluir todo o tempo necessário para compreender. Assim, a objetividade desse tempo vacila com seu limite.” Entretanto, a compreensão, por si só, não garante uma ressignificação, pois, se o sujeito ficar preso às hesitações, permanecerá aprisionado à sua fixação.

Decorre do tempo de compreender o momento de concluir, instante em que o sujeito recusa a hesitação e se antecipa na elaboração de uma asserção subjetiva, aos moldes de uma aposta. Essa asserção é formulada na destituição do Outro como portador de uma verdade sobre suas identificações, constituindo-se como uma conclusão decidida sobre si próprio, elaborada a partir do não-saber.

Relacionando esse breve percurso teórico com nossa investigação, acreditamos que a oportunização de encontros com a arte e as conversações permitiu a Marta fraturar seu casulo imaginário e orientar-se na direção de uma metamorfose, conforme o título do nosso artigo.

Na seção seguinte, então, abordamos como constituímos o *corpus* deste trabalho e nossos gestos de interpretação.

## 2 A construção do *corpus* e de nossos gestos de interpretação

O material de análise para este artigo consiste nos frutos produzidos por uma das participantes do projeto Desabroche... durante a edição de 2024, a quem chamamos de Marta, e nos Relatos de Experiência (RE) do mediador, escritos com base em suas anotações no diário de bordo sobre os encontros. Como mencionado, os frutos são meios escolhidos pelos participantes para registrar um testemunho de si sobre algo significativo nas conversações. Já o RE se configura como uma narrativa, com caráter de síntese provisória, baseada na experiência da singularização de quem o constrói (Daltro; Faria, 2019; Tavares, 2020). Nos RE

analisados, o narrador escreve da posição de mediador e, afetado pela subjetividade, discorre sobre o que lhe impactou na dinâmica do grupo.

Selecionamos excertos do RE e dos frutos considerando nossa própria implicação subjetiva e a relevância das textualizações para perceber os possíveis movimentos de Marta nos tempos lógicos. A construção dos gestos de interpretação, então, ocorreu de forma não linear, com recorrências aos excertos, motivadas pelos modos como fomos afetadas subjetivamente pelo conjunto dos frutos e pelo RE, e sustentadas pelos dispositivos de análise, a saber, os três tempos lógicos.

Esse percurso interpretativo sobre o corpus foi guiado pela Análise Psicanalítica de Discurso (Dunker; Paulon; Millán-Ramos, 2016). Ela nos permite uma escuta, um olhar e uma investigação pautados em pressupostos psicanalíticos, tais como: a associação livre, a transferência, o desejo do pesquisador e dos participantes. Analisamos, assim, indícios nos RE e nos frutos que assinalem possíveis suspensões da fixação imaginária de Marta em relação ao envelhecimento, em favor de outras formas de se compreender idosa.

### **3 Uma metamorfose para o envelhecer de Marta**

Para a construção dos gestos de interpretação tecidos nesta seção, nos baseamos em um Relato de Experiência (RE) elaborado pelo mediador da edição do Desabroche... da qual Marta participou, bem como em dois frutos produzidos por ela, em diálogo com as produções artístico-culturais que serviram de disparadoras das conversações.

São elas:

- música “Let Her Go” (Passenger, 2012): é uma balada romântica que aborda temas como arrependimento, perda e a conscientização do valor daquilo que se foi. Reflexões sobre esses temas emergiram da escuta e do canto da música;
- poema “Alfabeto Feminino” (Suy, 2017): apresenta uma articulação psicanalítica da experiência do feminino, atravessada por diferentes tentativas de preenchimento do vazio relacionado à experiência do desamparo subjetivo e do desejo, temas centrais do poema. A partir de sua leitura, desdobrou-se uma discussão sobre diferentes perspectivas de meios para amenizar essa “falta”, tangenciando temas como saúde mental, depressão e uso de substâncias;

- música “Metamorfose Ambulante” (Seixas, 1973): aborda a mutabilidade do ser e do viver, o que disparou uma discussão sobre o desejo e suas interdições. A partir dessa reflexão, desdobrou-se o tema da vivência feminina, destacando a repressão exercida pela família sobre a mulher e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na sociedade.

Quando participou do Desabroche..., Marta, psicóloga aposentada, tinha quase 80 anos e era separada do marido, com quem fora casada por “muitos anos” (RE)<sup>6</sup>. Segundo ela, a separação ocorreu “já na velhice” (RE), decorrente da revelação de que o marido era “gay” (F1). Devido ao conjunto da revelação e da separação, enfrentou diversos desafios nessa época. Marta atribui ao “casamento frustrador” e à dor de enfrentar esse período o surgimento do câncer e de outras doenças, dando indícios uma tendência de reputar ao Outro a razão do seu sofrimento. Nesse caso, o Outro é figurado na rejeição que sofreu pela família de um antigo noivo e, por isso, o grande amor não foi consolidado; nas doenças, nas perdas, no envelhecimento. Na subseção seguinte, circunstanciamos essa fixação imaginária de Marta, que lhe fornece um modo consistente de ser e estar idosa no mundo, sinalizando um modo de gozo que a aproxima da posição de vítima da vida.

### ***3.1 “[...] só poderia ser uma pessoa idosa”***

Marta nos permite explorar os impasses do sujeito em lidar com a velhice, representada no imaginário social como uma fase marcada por medos, solidão, perdas, luto e doenças. A fixação imaginária que sustenta seus modos de ser e estar idosa gira em torno de uma imagem da velhice como “uma doença terminal” (F1, F2), um “buraco negro” (F1), um período de arrependimentos pelas “decisões inadequadas” (F1) e pelo não vivido, sem sonhos ou ilusões. Como idosa, ela se vê diante de “reflexões dolorosas” (F2), sente pesar por não ter “vivido melhor o amor” (F2), por ter tido “medo de amar e ser amada” (F2). Marta atribui aos idosos um “vazio existencial”, que ela própria experimenta, descrevendo-o com adjetivos que remetem à tristeza, à melancolia e à depressão, da qual confessa sofrer.

---

<sup>6</sup> Os trechos entre aspas se referem a citações diretas dos frutos de Marta (ao todo dois) e do RE do mediador, representados como F1, F2, RE, respectivamente.

Embora relate que tem “tudo o que me permite viver uma velhice digna” (F1), como independência financeira, filhos e netos, Marta enumera extensivamente o que lhe falta: os pais e parentes queridos, que morreram ou estão em vias de falecer; os pets, dos quais abriu mão para não “deixá-los órfãos”; a saúde e a capacidade de ler, perdidas devido à luta contra o câncer e a uma “catarata que precisa operar”. Marta vive a vida sob a sentença de “uma morte anunciada” (F2) e, em algumas partes do fruto, confessa pensar em “colocar um fim na jornada” (F2). Talvez ela experimente o que Pachá (2018) observou em seu trato com idosos: “os olhos dos velhos vão se enchendo de ausências” (p. 31).

Entretanto, percebemos nos frutos de Marta que, apesar de a velhice ser “a lembrança diária de que o fim se aproxima” (Pachá, 2018, p. 55), a perda e o luto não estão restritos a esse tempo, mas permeiam sua vida, consistindo em uma fixação imaginária que sustenta sua ideia de Eu e sua fantasia, como no excerto a seguir:

(Exerto 1 – F1) **Décadas e décadas** de acontecimentos impactantes, de riscos de morte, de doenças terminais, de alegrias e tristezas, desilusões e recomeços. [...] **Quanto mais vivemos, mais pessoas queridas ou não enterramos**<sup>7</sup>.

Porém, Marta iniciou sua participação no Desabroche..., aparentemente, muito engajada: “muito simpática, [...] havia algo magnético acerca de sua expressão”, notou o mediador no RE. As impressões relatadas evidenciam uma participante disposta à troca sobre os temas e as produções artístico-culturais propostas: “seus cumprimentos iniciais sempre foram com abraços calorosos e uma voz que expressava uma saudade genuína, com vontade de estar ali” (RE). Entretanto, à medida que produções artístico-culturais abordando a fugacidade do viver, em especial as músicas “Let Her Go” e “Metamorfose Ambulante”, eram discutidas, percebemos Marta profundamente identificada a elas, como se as letras e sua poesia fornecessem um espelho no qual ela se reconhecia intensamente.

(Exerto 2 – RE) Na primeira sessão, quando utilizei como recurso artístico disparador a música “Let Her Go”, uma discussão acerca da impermanência da vida tomou conta, e Marta, em certo momento, agradece pelo recurso artístico, diz que **conversava com tudo que ela estava vivendo** e acrescenta que o **autor desta letra só poderia ser uma pessoa idosa...** pois só assim para ter chegado nesse conhecimento e expressá-lo de tal maneira... (**não era**).

---

<sup>7</sup> Os excertos foram transcritos tal qual estavam nos RE e nos frutos, sem edição. Os trechos em negrito foram particularmente o foco dos gestos de interpretação.

Por meio de várias metáforas, a letra da música mencionada propõe uma reflexão sobre a valorização tardia da perda daquilo que pode ser considerado importante na vida, como pessoas amadas ou o prazer da juventude. O refrão, em especial, parece carregar um vazio e refletir uma atitude introspectiva sobre a dor da perda, ao mesmo tempo em que enfatiza que essa dor traz consigo um certo aprendizado emocional, similar à ideia presente em frases clichês, como: “viva o presente, aprendendo com os erros.” Os versos abaixo expressam essas metáforas e podem ter desencadeado o tema da discussão mencionada pelo mediador:

You only need the light when it's burning low  
Only miss the sun when it starts to snow  
Only know you love her when you let her go  
Only know you've been high when you're feeling low  
Only hate the road when you're missing home<sup>8</sup>

Chama nossa atenção a intensidade com que Marta parece ter se identificado com a força poética das metáforas na letra, ao reconhecer que sua integralidade seria um retrato de sua vida – a música “conversava com tudo que ela estava vivendo”.

Além disso, destaca-se a sugestão de que essa força poética só poderia ser produzida por alguém já idoso, corroborando o imaginário ao qual ela parece ancorada: a ideia de que a “sabedoria” é um conhecimento advindo de experiências tristes, das perdas, de suas percepções e do arrependimento por não ter vivido o que se quis. Talvez Marta estivesse enxergando, no lamento da música, o reflexo de seu próprio arrependimento por aquilo que, possivelmente, tenha deixado de viver – pela alienação ao que supunha que o outro esperava dela, temas mobilizados nos frutos que escreveu.

Essa imagem do idoso e a ideia de uma “sabedoria” triste e melancólica que adviria com o envelhecimento também servem de gancho para o engajamento de Marta nas conversações disparadas pela música “Metamorfose Ambulante” (Seixas, 1973):

---

<sup>8</sup> Tradução nossa:

“Você só precisa da luz quando ela está se apagando  
Só sente falta do sol quando começa a nevar  
Só sabe que a ama quando a deixa ir  
Só percebe que esteve no alto quando está se sentindo em baixo  
Só odeia a estrada quando sente saudades de casa”

(Excerto 3 – RE) Em um outro momento, estamos no movimento discursivo desencadeado pela música “Metamorfose Ambulante”, de Raul Seixas, ou seja, com a impermanência da vida mais uma vez sublinhada no centro da sessão, e é claro, Marta mais uma vez sinaliza a **preciosidade deste conhecimento**, com a exceção de que agora relaciona o acesso a este conhecimento com **a morte precoce** de Raul Seixas, a partir de seu **envolvimento com drogas**. O que me chama atenção é que Marta, naquele momento, parecia me deixar claro que existia algo de **muito perigoso** no “**amadurecimento**” / “**envelhecimento**”, percebo que pode estar me dizendo que alguém que começa a entender a vida (**como ela entende, ou o que ela descobriu**), não a suporta sem se anestesiar o suficiente, correndo um risco de se ausentar deste desafio de uma vez por todas.

O encantamento de Marta pela música é reiterado pelo valor que atribui à sua letra: ela “sinaliza a preciosidade deste conhecimento” (RE). As duas canções a afetam profundamente, o que se evidencia pela projeção de si mesma nelas, revelando o potencial da arte de convocar aspectos da subjetividade. No caso de Marta, observa-se a presença do duplo na arte, manifestando-se tanto pelo reconhecimento de uma identificação que gera encantamento quanto por meio de algo que se apresenta como sinistro e perigoso. Na primeira música, Marta vê sua vida integralmente retratada na letra. Já na segunda, identifica-se ao autor: ela comprehende e descobre o mesmo que ele, algo que, supostamente, o teria levado ao uso de drogas e à morte.

O “conhecimento” qualificado como “precioso” parece referir-se à constante reinvenção, que permite a alguém não se conformar a uma ideia fixa, rompendo com padrões rígidos de ser e estar no mundo, em um processo contínuo de transformação. Sem dúvida, esse “conhecimento” tem um preço, que, sob a perspectiva da psicanálise, é pago no processo analítico, à medida que o sujeito suspende algumas de suas identificações e pode ressignificá-las. No entanto, para Marta, esse preço foi pago com “a morte precoce, e com o fato dele [Raul Seixas] ter se ‘afundado em drogas’” (RE).

Assim, aquilo que poderia desestabilizar Marta em sua fixação alienante adquire contornos de uma tragédia romantizada, na qual o suicídio é apresentado como uma possível saída para a angústia. Isso se evidencia no relato do mediador, que estranha “algo de muito **perigoso** no ‘amadurecimento’ [...], **correndo o risco de se ausentar deste desafio de uma vez por todas**” (RE), referindo-se à morte.

Contudo, a saída pela morte parece ser considerada por Marta muito antes de se perceber velha, pois, ao contar suas “décadas”, ela as associa, em grande parte, a perdas, riscos de morte e ao iminente término de sua “jornada”. Diante desse manto densamente tecido pela

melancolia, sob a égide de um envelhecimento imaginado como lúgubre e doloroso, Marta encontraria brechas para fragmentá-lo?

### **3.2 “(...) agora que eu sou idosa, eu escolho meu nome.”**

O instante de ver resulta de um confronto com o real, capaz de desestabilizar tanto a fixação imaginária do sujeito quanto sua fantasia. Embora, no caso de Marta, as duas músicas mencionadas não tenham propiciado essa brecha, acreditamos que a circulação da palavra sobre elas tenha possibilitado instantes de ver em dois momentos distintos. O primeiro ocorre por meio do poema “Alfabeto Feminino” (Suy, 2017):

(Excerto 4 – RE) Na sessão seguinte, utilizamos como disparador artístico o poema “Alfabeto Feminino” de Ana Suy. Assim, conforme sintonizamos para falar sobre as diferentes formas de preenchimento do vazio, atreladas às diferentes personagens poeticamente utilizadas por Suy, Marta expressa uma série de reflexões sobre seu nome e um apelido carinhoso que recebia... quando chega na seguinte frase: “(...) **agora que eu sou idosa, eu escolho meu nome**”.

O poema de Suy (2017), conforme já mencionado, aborda as diferentes formas de lidar com o vazio a partir de uma perspectiva feminina. Uma das possíveis direções interpretativas para o poema, que circulou durante a conversação, sugere que admitir o desamparo como constitutivo do sujeito permite enfrentar a angústia da finitude e a impossibilidade de encontrar um sentido totalizante para a existência. Preencher o vazio é impossível; no entanto, quando o sujeito encontra meios criativos de contorná-lo, de bordejar o furo que aponta para o real, uma invenção criativa pode emergir no lugar de uma angústia paralisante. Suy assinala, ao final do poema, que o vazio “pode ser contornado, com amor ou com sorte”. Nos trabalhos lacanianos, o amor é uma chave que permite ao sujeito suportar a falta no Outro. Por sua vez, a sorte pode referir-se ao acaso e à imprevisibilidade da vida, ao atravessamento do inesperado, que exige do sujeito uma abertura para o que é contingencial.

Marta participou ativamente das conversações que tiveram o poema como disparador. Na circulação da palavra, percebeu-se, ainda que de forma pontual, um deslocamento da identificação à imagem do idoso como alguém sofrido e arrependido para a de alguém que possui a liberdade de fazer suas próprias escolhas. Esse movimento talvez tenha sido possível a partir da constatação das perdas ou do não vivido, estado ao qual Marta parecia ancorada – um momento propiciado pela conversação sobre a música “Let Her Go”. Entretanto, na deriva

poética proporcionada pelas várias personagens do poema de Ana Suy, Marta parece encontrar uma certa liberdade perdida, expressa de forma tão assertiva quanto na declaração: “agora que eu sou idosa, eu escolho meu nome.” (RE).

O termo “agora” parece funcionar como um dêitico temporal, referindo-se à velhice – o mesmo tempo que vinha sendo descrito de forma melancólica e repleto de impossibilidades. Ele estabelece um ponto de inflexão, opondo-se àquilo que Marta “estava vivendo” (Excerto 02), até se (des)encontrar com aquelas produções artístico-culturais. Entendemos esse ponto como um instante de ver, resultante da força disruptiva da poesia, capaz de abrir portas para que Marta inaugure um tempo de compreender as possibilidades que o envelhecimento pode representar, algo que até então não havia se configurado.

Ora, não é pouca coisa alguém acreditar que pode dar a si mesmo um nome. Afinal, um nome é uma marca do desejo do Outro sobre o sujeito. Ao mesmo tempo em que nos concede um lugar no universo simbólico, particularizando-nos, convoca-nos a responder por ele, posicionando-nos em relação a essa escolha, feita antes de nós e à nossa revelia. Segundo Naue e Carvalho (2021): “O nome é uma convocação que mostra, através de nossa resposta, como cada um conta a sua história, a partir da forma como foi contado pelo Outro, encarnado por um outro.”

Ainda que a viabilidade da ação de dar-se um novo nome seja questionável, o movimento de Marta nas sessões do Desabroche... sugere que ela talvez estivesse tentando elaborar outras respostas ao desejo do Outro, desvinculando-se, de algum modo, da fixação imaginária na qual estava ancorada. Ela parecia buscar um nome que dissesse mais sobre si e de si mesma, em comparação com aqueles que lhe foram atribuídos ao longo da vida e aos quais se alienava.

Neste ponto, é importante esclarecer a cronologia dos eventos analisados, uma vez que os tempos subjetivos não se sucedem necessariamente de forma diacrônica. As conversações foram inicialmente disparadas pela exposição à música “Let Her Go”, seguida do poema “Alfabeto Feminino” e, posteriormente, da canção “Metamorfose Ambulante”. Um instante de ver, de acordo com nosso gesto de interpretação, incide sobre Marta como efeito do que acreditamos ter sido da ordem de uma experiência estética com o poema. Entretanto, após esse lampejo de liberdade, manifestado na pretensão de poder escolher um nome, ela adere

novamente ao imaginário de vitimização e melancolia. Ainda durante as conversações sobre “Metamorfose Ambulante”, Marta sucumbe mais uma vez à fixação imaginária, cujos efeitos se tornam mais evidentes nos encontros seguintes:

(Excerto 5 – RE) Não demora, suas queixas acerca de sua solidão, arrependimentos e questões sobre o envelhecer começam a ganhar evidência. [...] notei como Marta comparecia às sessões com uma aparência desvitalizada, até mesmo em seu modo de vestir e arrumar os cabelos, o que contrastava, demasiadamente, com a forma que eu a conheci e com os encontros iniciais. [...] por vezes, suas despedidas começaram a parecer cada vez mais cansadas, melancólicas, com o mesmo abraço, mas, desta vez, solicitando o calor que antes conseguiu distribuir.

Afetado pelo tom fúnebre dos frutos de Marta e pelo seu modo melancólico de participação nos encontros, o mediador propôs uma dinâmica baseada no processo criativo dos participantes, “esperando que destas criações novos/velhos fragmentos possam emergir, esperando que seus discursos os surpreendam” (RE): a criação de uma história em grupo. O mediador fez uma breve introdução de um enredo sobre uma idosa que, no dia de seu aniversário, acordou com a sensação de que algo muito especial aconteceria, diferentemente dos anos anteriores. Após descrever alguns detalhes da cena inicial, interrompeu a narrativa e convidou os participantes a continuarem. Houve grande engajamento, mas a participação de Marta chamou a atenção do mediador.

(Excerto 6 – RE) Marta começa a fazer suas contribuições em primeira pessoa, como se ela fosse a idosa protagonista, diferente dos outros participantes, que usavam a terceira pessoa. A partir disso, foi interessante notar como Marta insere na história um personagem do sexo masculino, que é rapidamente caracterizado e posicionado enquanto um antigo caso de amor da protagonista. [...] Marta não parecia se importar com a insistente narrativa política que os outros [participantes] traziam, ela tentava sempre continuar a interação entre os dois personagens, os quais não se encontravam há muito tempo e tinham muito assunto para colocar em dia. Marta esboçava sorrisos e uma genuína satisfação ao criar suas cenas. Ao final, não havia dúvidas (para mais ninguém ali): aqueles personagens existiam. Marta se implicou na narrativa, trouxe os mais espontâneos fragmentos de seu desejo e não podia mais se neutralizar dessa afeição. Assim, Marta confirma sobre a existência dos personagens e até mesmo que agora desejava reencontrar esse homem que há muito tempo não via. Estava decidida a ir para São Paulo (em uma de suas viagens de rotina) e, dessa vez, finalmente buscar coragem para procurar essa pessoa.

Novamente, percebemos Marta identificada à proposta, projetando-se na personagem protagonista e assumindo a liderança da narrativa, chegando inclusive a ignorar a participação dos demais integrantes do grupo. No entanto, seu riso parece revelar outro instante de ver, configurando-se como um tempo subjetivo para Marta.

Segundo Freud (1905/2017), o humor pode funcionar como um mecanismo de defesa psíquica, atuando como um liberador da energia reprimida, que pode ser descarregada na forma de riso. Ele também afirma: “O que o humor faz é substituir um afeto doloroso por um prazeroso; não se trata de algo irrelevante, mas de um grande feito psicológico” (Freud, 1927/2017, p. 212). Embora não aprofundemos aqui as considerações do psicanalista sobre o tema, o modo como Marta reage espontaneamente e se solta nessa dinâmica destoa do que vinha ocorrendo anteriormente, levando-nos a apostar que esse riso indique efeitos da suspensão de algumas certezas que a aprisionavam a um destino imaginado por ela mesma como trágico e melancólico.

Inferimos que o riso prazeroso de Marta pode ter-lhe permitido colocar de lado, ainda que temporariamente, a memória de dor, perda, pesar e a ideia de morte, às quais se encontrava alienada. Esse riso parece ter suspendido os efeitos da pulsão de morte e reacendido as “fagulhas pulsantes” de vida em Marta, tal como suspeitou o mediador em seu RE. Talvez, nesse riso, também tenham sido abandonadas as elucubrações sobre o que poderia ter sido diferente ou sobre os amores que poderia ter vivido e, com a força de um novo nome, sua história pudesse ganhar outra forma.

Quem sabe esse instante de ver tenha se aberto para um movimento em direção ao concluir, pois, como preconiza Fleig (2017, s/p): “O humor não seria o valor supremo que permite aceitar sem compreender, agir sem desconfiar, assumir tudo sem levar nada a sério?”. Afinal, pela primeira vez naquela edição do Desabroche..., Marta esboçava um movimento: fazia planos para o futuro que envolviam a possibilidade de um novo amor.

#### **4 Considerações finais**

No início deste estudo, nossa indagação estava voltada para os modos como o Desabroche... incide sobre a constituição subjetiva dos participantes do projeto. Objetivamos discutir possíveis efeitos de uma experiência estética e de conversações atravessadas pela transferência em jogo nos encontros do Desabroche..., na constituição subjetiva de Marta, uma das participantes do projeto.

A partir do nosso percurso de construção dos gestos de análise, foi possível compreender que o espaço Desabroche... proporciona ao sujeito a possibilidade de elaborar

seus conflitos, narrar experiências de si e, mesmo diante de identificações cristalizadas sobre sua condição de sujeito envelhecido no mundo, experenciar mo(vi)mentos de suspensão de certezas.

A narrativa triste e melancólica de Marta, expressa nas rodas de conversação e em seus frutos, soa como uma “velha opinião formada sobre tudo”, em referência ao trecho da música “Metamorfose Ambulante”, de Raul Seixas (1973), que inspirou uma das conversações no espaço de palavra. No entanto, o (des)encontro com a estética artística das músicas e poemas, aliado à circulação da palavra, parece ter instaurado brechas nesse casulo de narrativas cristalizadas.

Os trabalhos lacanianos nos ensinam que não existe uma verdade absoluta do sujeito, mas sim várias semiverdades, construídas a partir de como ele percebe e significa o mundo e a si mesmo. No Desabroche..., por meio da poesia e da música na edição de 2024, buscamos presentificar para Marta e os demais participantes que as pretensas verdades, nas quais o imaginário nos faz crer estarmos aprisionados, podem assumir o status de ficção e ser reformuladas.

Nesse sentido, em relação a Marta, delineamos seu instante de ver na suspensão de suas identificações, que sustentavam sua fixação imaginária em torno de uma posição vitimizante, da velhice, do envelhecimento; o tempo de compreender, na discursivização sobre como essas identificações determinaram certos modos de envelhecer; mas não necessariamente o momento de concluir uma asserção subjetiva ou promover uma metamorfose – como sugere o título deste artigo.

A força poética do poema de Suy (2017) parece ter encorajado Marta a afirmar um possível desejo: dar-se outro nome, desvincular-se, ainda que pontualmente, da personagem sofrida e submetida ao poder destruidor do gozo e de sua repetição. Posteriormente, por meio de uma cena fictícia e do humor, Marta se permite ver e ser vista no lugar de um sujeito desejante. O desejo de amar e ser amada permanece em Marta, mesmo diante de seus pensamentos pessimistas sobre a vida. Isso ocorre porque “no riso, ainda que seja de escárnio e repúdio, há um instante de suspensão do desejo de pura destruição de si e do outro. Instante que pode circunscrever outra coisa” (Fleig, 2011, s/p).

Nesse viés, apostamos que o riso, advindo do humor construído por Marta na dinâmica da história, operou como um momento subversivo em suas narrativas, representando um frágil rompimento no casulo bem entretecido em torno das perdas, arrependimentos e desilusões – significantes em torno dos quais sua ideia de Eu e sua fantasia estavam articuladas. Marta se depara com novas possibilidades, com uma possível “metamorfose” do que significa ser e estar velho, bem como das diversas experiências que essa fase da vida pode despertar no sujeito.

Sobre essa dinâmica desestabilizadora do riso, Fleig (2011, s/p) afirma que:

Parece que o riso, por sua força afirmativa e ao mesmo tempo subversiva, por sua irrupção discreta ou escancarada, flutua sempre numa certa indeterminação e equivocidade. Ele indica o permanente hiato de que padece o ser humano, na encruzilhada do físico e do psíquico, do individual e do social, do divino e do diabólico: os animais não riem, assim como também os deuses. Parece que a fonte do riso se encontra na eterna defasagem entre o que somos e o que deveríamos ser.

Não sabemos ao certo se Marta colocou em prática o desejo de reencontrar-se com um amor do passado. Tampouco é possível afirmar se, após sua participação no Desabroche..., ela conseguiu encontrar formas de contornar e dar novos rumos à sua condição melancólica. Marta nem mesmo esboça uma asserção subjetiva clara.

## Referências

- BEAUVIOR, S. **A Velhice**. Tradução Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.43015>.
- DUNKER, C. I. L.; PAULON, C. P.; MILÁN-RAMOS, J. G. **Análise psicanalítica de discurso: perspectivas lacanianas**. 1. ed. São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2016.
- FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FLEIG, M. O riso e o hiato na condição humana. Entrevista concedida a Márcia Junges. **Revista do Instituto Humanista Unisinos**, São Leopoldo, 367 ed., 2011. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias?catid=159&id=565196:o-riso-e-o-hiato-da-condicao-humana-entrevista-especial-com-mario-fleig>. Acesso em: 20 jan. 2025.

FREUD, S. O humor. In: FREUD, S. **Obras completas**, volume 17: 1926-1929. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 322-330.

FREUD, S. (1905). **O chiste e sua relação com o inconsciente**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FREUD, S. (1919). **O infamiliar**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

FREUD, S. Sobre a dinâmica da transferência. (1912). In: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GOLDSTEIN, G. **A experiência estética**: escritos sobre psicanálise e arte. Terra de Areia, RS: Triângulo Graf. Ed., 2019.

GOLDSTEIN, G. La memoria como objeto de arte. **La Época APA Online**, 2020. Disponível em: <https://laepoca.apa.org.ar/7/la-memoria-como-objeto-de-arte/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

LACAN, J. (1945). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro, 1998a. p. 197-213.

LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro, 1998b. p. 238-324

LACAN, J. (1959-60). **O seminário livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Rev. Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011. <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre a experiência. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LAURENT, É. **A sociedade do sintoma**: a psicanálise, hoje. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

MILLER, J.-A. Texto da 4ª. Capa. In: LACAN, J. **O Seminário livro 6**: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

MILLER, Jacques-Alain. Problemas de pareja: cinco modelos. In: MILLER, Jacques-Alain. **La pareja y el amor**. Buenos Aires: Editora, 2003.

NAUE, L. A. V.; CARVALHO, I. S. Como você quer ser chamado? Questões acerca do nome próprio na análise. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro , v. 43, n. 44, p. 177-190, jun. 2021 . Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952021000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952021000100012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 16 jan. 2025.

PASSENGER. Let her go. In: **All the Little Lights**. [s.l.]: Black Crow Records, 2012. Faixa 2.

SEIXAS, R. Metamorfose ambulante. In: **Krig-Ha, Bandalo!** [s.l.]: Philips, 1973. Faixa 3.

SOARES, F. M. de P. **Envelhescência**: o trabalho psíquico na velhice. Curitiba: Appris, 2020.

SUY, A. **Não pise no meu vazio**. 1. ed. São Paulo: Patuá, 2017.

NASIO, J. D. **A fantasia**: O prazer de ler Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

TAVARES, C. N. V. Trajetórias subjetivas na experiência de formação. **Faeeba – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 60, p. 158-175, out./dez. 2020. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2020.v29.n60.p158-175>

Recebido em: 12.09.2024

Aprovado em: 13.02.2025